

Senadores temem que a moda pegue

A decisão do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar do Senado, aprovando a abertura de processo de cassação que provocou a renúncia do ex-senador José Roberto Arruda e o anúncio do senador Antonio Carlos Magalhães de que fará o mesmo na próxima semana foi avaliada com temor no Congresso. Para os vários parlamentares, a iniciativa abrirá precedentes para que todos os atos considerados irregulares sejam punidos com a perda de mandatos e de direitos políticos. O vice-presidente nacional do PFL, senador José Agripino Maia resumiu o medo com uma expressão: "A porteira está aberta."

Maia disse estar convencido de que a mídia influencia a opinião pública para que assuma "posição fascista" diante

dos fatos. "A pena máxima encontra amparo na mídia e na opinião pública para um julgamento precipitado", criticou. O presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen, condenou ainda o procedimento do Conselho de Ética que votou o caso sem sigilo e indicando a pena de cassação. "Toda vez que as regras não são respeitadas, o fato pode repetir-se. O que aconteceu foi uma arbitrariedade", condenou ele, visivelmente irritado. "Isso tudo abre um precedente perigoso, pois houve um julgamento de mérito e não de procedimento", acrescentou o senador Amir Lando (PMDB-RO).

■ Caso do painel abre precedente para que se peça a cassação para qualquer falha

Já o relator do parecer que propôs a cassação dos dois senadores, Roberto Saturnino Braga, não se abalou com as críticas nem mesmo com a reação de Arruda. Ele assistiu à renúncia sentado no mesmo lugar de sempre no plenário (atrás, à esquerda) e, assim, como o presidente do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, Ramez Tebet (PMDB-MS), não cumprimentou o parlamentar de Brasília, diferentemente da maioria dos demais presentes à sessão. "Respeito a decisão dele. Não vou comentar", disse Braga. "Mas o procedimento do Conselho de Ética não pode ser atacado porque tudo

transcorreu com espírito de justiça e correção", comentou.

Apesar da demonstração externa de solidariedade e consternação, os senadores reconheceram que o ato de Arruda era um alívio para maioria deles e uma espécie de purificação da imagem do Congresso. "É uma demonstração de que o Senado está interessado em mudar sua imagem e mostra que o povo passa a olhar com mais respeito para cá, desfazendo o conceito generalizado de que aqui é uma casa de compadres", afirmou o senador Gilberto Mestrinho (PMDB-AM). "Todos aqueles que fereem o decoro parlamentar e cometem ilícitos não podem permanecer na vida pública. É um desastre", comentou o senador Maguito Vilela (PMDB-GO). (A.E.)